

Supervisão Efetiva: Um Modelo Baseado na Atividade Dirigida*

Luiz Fernando de Lara Campos**

Univ. São Francisco

O trabalho aqui enfocado tem como principal objetivo o desenvolvimento de um modelo de supervisão e estágio supervisionado baseados nas tarefas e atividades dirigidas, pré-programas pelo supervisor.

O primeiro capítulo aborda os diversos conceitos e definições de "supervisão", quer enquanto proposta clínica, quer enquanto proposta educacional, adotando a posição de que a supervisão pode ser definida como um campo de estudos científicos, podendo ser caracterizada em termos da definição, descrição e variáveis críticas. Tal fato torna-se importante uma vez que ao identificar as variáveis relativas à mudança previsível no comportamento do terapeuta verificaremos quão relacionais estas são às mudanças no comportamento do cliente.

A supervisão, portanto, é relacionada às possíveis habilidades do terapeuta e ao papel exercido pelo supervisor.

No momento seguinte, um modelo de trabalho dirigido é proposto, tendo como base os princípios do comportamento e aprendizagem. O modelo se propõe a atuar a partir da premissa que a idéia que a supervisão é uma simples extensão da teoria clínica e a maior limitação que a formação do terapeuta enfrenta.

As relações críticas entre o processo terapêutico, a teoria e a supervisão também são enfocados na parte inicial, seguindo a exposição completa do **Modelo de Trabalho Dirigido** em termos de seus três níveis e seus sub-níveis: cliente (N1, com a apresentação de um modelo de procedimentos gerais e tarefas a serem realizadas pelo cliente), terapeuta (N2, com a indicação das tarefas e preparação do terapeuta) e supervisor (N3, com as tarefas necessárias para uma performance adequada por parte do supervisor) e, finaliza tratando da preparação do supervisor para a tarefa de supervisionar nesta proposta em termos de sua preparação técnica, conceitualização sobre os três níveis de domínio deste modelo, conhecimento sobre as pesquisas em supervisão, aspectos éticos e legais e o desenvolvimento de um modelo pessoal integrado de supervisão.

* Mead, E.M. (1990) - EFFECTIVE SUPERVISION: A TASK-ORIENTED MODEL FOR THE MENTAL HEALTH PROFESSION. Brunner/Mazel ins., NY, 178 pgs.

** Bolsista CAPES

Os capítulos seguintes tratam de clarificar as etapas do Modelo de Trabalho Dirigido, como o terceiro capítulo que define as formas de estabelecer os fundamentos básicos necessários ao terapeuta para se preparar para a prática clínica, a partir da avaliação em conjunto por parte de supervisor e supervisionando nas áreas de performance em técnicas específicas para o tratamento a ser executado, modelo teórico a ser utilizado no início do processo de supervisão e a interação cliente-terapeuta. As estratégias para a introdução do terapeuta no processo de supervisão são apresentadas, assim como critérios para a avaliação de sua preparação para a prática clínica, sua performance, suas habilidades conceituais, além de discutir a preparação para algumas situações específicas, visando sobretudo garantir o processo de educação continuada e auto-educação por parte do terapeuta.

A determinação das metas de supervisão, seus aspectos e etapas práticas são tratados no capítulo quarto. Outro ponto focado é a necessidade de se estabelecer de forma precedente a estratégia de avaliação a ser utilizada pelo supervisor. No final, são discutidas as possíveis diferenças entre os objetivos do supervisor/supervisão e os do terapeuta, assim como as implicações destas divergências e as formas possíveis de solução.

No quinto capítulo, o desenvolvimento do plano de supervisão é estudado em termos das oito etapas necessárias ao processo: (1) preparação do supervisor, (2) condições e expectativas, (3) preparação do terapeuta, (4) metas da supervisão, (5) observação por parte do supervisor do tratamento executado, (6) determinação do raciocínio clínico do terapeuta, (7) avaliação do progresso do terapeuta e (8) procedimentos para possíveis intervenções do supervisor. Todas as etapas são suficientemente desenvolvidas de modo que a sua compreensão e aplicação torna-se fácil.

A observação do comportamento do terapeuta é o próximo tópico. As principais tarefas do supervisor são selecionadas em termos do seu papel enquanto observado. A sala de atendimento/consulta pode ser considerado como um espaço experimental, não normatizado para o supervisor, assim como a pessoa em treinamento também pode ser considerada como um estímulo não padronizado para o supervisor. O supervisor deve entrevistar os estagiários verificando o raciocínio clínico dos mesmos, objetivando o tratamento executado, seu impacto sobre o cliente e sobre as tarefas do cliente e do terapeuta. O capítulo é finalizado com uma série de normas para o uso de anotações de caso como forma de observação do desempenho de estagiário. São estratégias úteis à atuação, à avaliação e à pesquisa na área.

O sétimo capítulo trata da questão da avaliação e intervenção nos comportamentos do terapeuta, tendo como ponto inicial a avaliação do progresso do terapeuta, a partir da comparação com os critérios anteriormente estabelecidos. A observação e a conseqüente intervenção nos com-

portamentos do terapeuta também devem ser realizadas para que o êxito do processo terapêutico seja garantido, salvaguardando, assim, os direitos legais do cliente. As formas de intervenção são variadas desde o simples "não fazer nada" até o reforçamento e a punição dos comportamentos do estagiário. As intervenções podem ser realizadas no curso ou fora da sessão, visando sempre a manutenção do bem-estar do cliente. O supervisor deve basear sua decisão na observação dos dados do atendimento, classificando os erros do supervisionando em três categorias: (1) comportamentos inadequados do terapeuta que requerem intervenção imediata (fumar em atendimento com crianças), (2) comportamentos inadequados do terapeuta que possuem uma baixa probabilidade de riscos para o cliente (troca de nomes de pessoas importantes para o cliente) e (3) comportamentos tecnicamente incorretos, mas que não possuem alta probabilidade de seqüelas para o terapeuta (instrução de relaxamento errada).

Segue-se a parte referente à determinação explícita do progresso do terapeuta. A avaliação formal do terapeuta pode levar, inclusive, o supervisor a aconselhar o supervisionando a deixar a profissão quando este não atinge uma das metas propostas, principalmente em casos onde não seja possível a correção das dificuldades apresentadas. As obrigações do supervisor e as situações nas quais ele deve agir são esclarecidas, assim como os pontos que devem ser garantidos ao término da supervisão. Entre eles, vale destacar um sumário do progresso do terapeuta durante a supervisão, o estabelecimento de estratégias para a generalização futura das aprendizagens realizadas durante o período de supervisão e eliminar pontos de dependência na separação do supervisionando.

O livro finaliza com uma discussão sobre os aspectos profissionais, éticos e legais da supervisão, evidenciando a necessidade de um desenvolvimento ético e profissional para o supervisionado e para o supervisor. O conhecimento, o respeito e o uso do código de ética também são considerados, assim como a questão ética envolvida no uso do poder por parte do supervisor para objetivos não-profissionais, como na coerção e manutenção de relacionamento sexuais.

A linguagem utilizada é de fácil compreensão, assim como as informações trazidas estão organizadas de maneira lógica e de fácil acesso ao leitor.

A leitura deste livro é agradável e atraente, graças a objetividade e pertinência com as quais os assuntos são tratados e desenvolvidos no seu decorrer. O livro é recomendado, sem qualquer sombra de dúvida, para todos os profissionais ligados direta ou indiretamente à formação e supervisão de estágios práticos de profissionais da área de saúde mental, tanto no nível de graduação como no de pós-graduação.